



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Identidade em construção: o papel do território na comunidade quilombola Cruz Da Menina em Dona Inês/PB

Nathália Jorge Novais^I

Luziana Marques da Fonseca Silva^{II}

Resumo: A partir dos dados da pesquisa etnográfica “Cruz da Menina: processos de luta e reafirmação étnica quilombola em Dona Inês/Paraíba” (2021/23), discutiremos sobre as relações étnicas e as dinâmicas territoriais através das narrativas de vida dos/as moradores/as do quilombo colhidas durante o trabalho de campo. O território e seu processo de territorialidade são aspectos fundamentais para o reconhecimento da comunidade, cuja origem é dada pela exclusão de famílias vindas do sertão nordestino devido a um fator comum, a negritude. Este trabalho busca apresentar o papel do território na construção da identidade étnica quilombola de Cruz da Menina, compreendendo o processo de territorialização e suas dinâmicas.

Palavras-chave: Identidade étnica; território; Quilombo Cruz da Menina; Paraíba.

Identity under construction: the role of territory in the Cruz Da Menina quilombola community in Dona Inês/PB

Abstract: Based on data from the ethnographic research “Cruz da Menina: processes of struggle and quilombola ethnic reaffirmation in Dona Inês/Paraíba” (2021/23), we will discuss ethnic relations and territorial dynamics through the life narratives of the residents/ those from the quilombo collected during fieldwork. The territory and its process of territoriality are fundamental aspects for the recognition of the community, whose origin is given by the exclusion of families from the northeastern backlands due to a common factor, blackness. This work seeks to present the role of the territory in the construction of the quilombola ethnic identity of Cruz da Menina, understanding the process of territorialization and its dynamics.

Keywords: Ethnic identity; territory; Quilombo Cruz da Menina; Paraíba.

IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: O PAPEL DO TERRITÓRIO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA CRUZ DA MENINA EM DONA INÊS/PB

NOVAIS, N. J.
SILVA, L. M. F.

Introdução

A comunidade quilombola de Cruz da Menina, localizada no município de Dona Inês, a 153 km de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, nasce de um processo territorial singular, que é contado entre os moradores da comunidade, de geração para geração, tendo muitas versões sobre os fatos que começaram a ocorrer em 1877. A comunidade, anteriormente conhecida como Tapuio, alterou sua nomenclatura para Cruz da Menina em 1956, devido às tensões culturais e raciais que foram geradas com os moradores de um outro sítio que possuía o mesmo nome.

A mudança do nome da comunidade ocorreu em 1956, em memória da morte de uma criança durante o período da Grande Seca naquele território, após ter água negada por um fazendeiro da região. A história que é repassada entre os moradores da comunidade, tornou-se parte do quilombo, como se a própria menina pertencesse a ele. Ao homenageá-la, a comunidade destaca sua própria história pois, da mesma maneira em que a menina recebeu um não, eles também receberam represálias, discriminações e “nãos” por parte da população inesense^{III}. Essa diferenciação dada pela população do município de Dona Inês devido a cor eles são negros ou não? Acredito que deves anunciar aqui, contribuiu no processo de formação da comunidade, do qual a identidade é evocada através de mudanças, subjetividades e diferenças, destacadas tanto na relação dos sujeitos com eles mesmos, quanto de suas relações em sociedade^{IV}.

Em Cruz da Menina, as relações de poder são evidenciadas em suas várias esferas, tanto na formação de laços e vínculos de parentescos (casamentos endogâmicos), quanto no modo como eles se relacionam com os demais moradores da região, em fortes tensões, pois para além da exclusão territorial, estes também se reconheciam com um fator racial comum, a negritude, o que gerou o processo de distanciamento e manutenção dos mesmos nesse território em que hoje é a comunidade^V. importante destacar que, com base nos estudos de Cida Bento, por exemplo, negritude é compreendida como positivo, a valorização de uma estética, história, cultura e demais elementos que perpassam a corporeidade negra. Acredito que devas sinalizar que o problema é a exclusão social a partir do racismo, não da negritude, pois essa seria a forma de aliança entre o grupo.

Para entender o processo de chegada no território, construções de casas e sua manutenção, utilizaremos o conceito de territorialização, entendendo-o como resultado de um conjunto de relações complexas que, a partir de diferentes elementos e variações, produzem mudanças e constroem “territórios”^{VI}, ou seja, observaremos o modo como as primeiras famílias da comunidade chegaram naquelas terras, como se adaptaram às terras, o processo de estadia e sua significação. Junto a ele, dialogaremos com o conceito territorialidade para compreender as relações de parentesco, os laços e o pertencimento da comunidade, pois estes são a base do processo de reafirmação étnica; entendendo este conceito como parte de um conjunto de relações que se originam na sociedade, no espaço e no tempo, do qual o “espaço” adquire sentido material e simbólico^{VII}. Desse modo, será percebido as relações individuais e coletivas dos moradores da comunidade, sua relação com as terras através do tempo, do qual as esferas raciais e a cultura ganharam força na construção de uma identidade e de um sentimento de pertença comum a todos(as).

É neste processo de construção de territorialização e, consequentemente, de territorialidade que a comunidade se consolida, sendo suas histórias e práticas culturais, relacionadas com o território, cuja formação é baseada nos conflitos e negociações, em meio às

IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: O PAPEL DO TERRITÓRIO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA CRUZ DA MENINA EM DONA INÊS/PB

NOVAIS, N. J.
SILVA, L. M. F.

subjetividades e aos contextos sociopolítico-econômico do qual suas realidades são vivenciadas^{VIII}. Nesse sentido, as identidades são construídas e se constroem a partir do dinamismo das relações internas e externas do grupo, mas também por meio de suas interpretações de mundo, do modo como legitimam, criam, reafirmam e empregam as categorias sociais existentes^{IX}. Portanto, esse artigo visa apresentar a luta e reafirmação étnico quilombola através de sua relação com o território, sendo resultados de uma etnografia multissituada realizada no quilombo Cruz da Menina.

Processos metodológicos

Como um desdobramento do trabalho de conclusão de curso “Cruz da Menina: processos de luta e reafirmação étnica quilombola em Dona Inês/Paraíba”, foi percebido durante o campo da pesquisa (2020/23), a abordagem sobre território e as territorialidades não foram adensados, devido ao próprio objetivo que era discutir o processo de construção da identidade étnica quilombola da comunidade. Com a proximidade criada no campo, o olhar ao território e suas intersecções foram destacados, a partir de uma identidade que perpassa os elementos temporais, históricos, contextuais e a própria noção de raça, em meio aos poderes, negociações, conflitos e contingências.

A pesquisa utilizou várias técnicas de pesquisa como: observação participante, entrevistas semiestruturadas e rodas de conversas. Essas abordagens metodológicas construíram diferentes ambientes de vivências, diálogos e aprendizados, ou seja, um campo espacialmente descentralizado que considera distintos espaços: privado e público, casas e associação; eventos na cidade e eventos na própria comunidade, cujo resultado é uma etnografia multissituada^{XI}.

A partir da observação participante foi estabelecido o diálogo com os(as) moradores(as) da comunidade, construindo laços de amizade e troca de aprendizagens; acreditamos que esta seja a melhor maneira de conhecer, entender e ouvir os indivíduos. Foi possível acompanhar atividades cotidianas, reuniões de famílias e momentos de trabalho ou lazer dos moradores, além de participar da Procissão de Finados em direção à Capela Cruz da Menina (2021/2022), Dia da Consciência Negra (2021/2022/2023), etc. Ademais, ao caminhar pela comunidade, foi possível observar e dialogar com alguns(mas) moradores(as) durante o trajeto.

Ao todo, foram entrevistadas 13 pessoas (11 mulheres e 2 homens), sendo perceptível a maior receptividade da pesquisa entre as mulheres da comunidade, que inclusive, ocupam todos os cargos de poder na associação. No intuito de resguardar nossos(as) colaboradores(as), optamos por nomes fictícios, escolha feita com base na organização sociopolítica da comunidade para evitar tensões. Decidimos por entrevistas semiestruturadas na pesquisa, a fim de construir momentos de trocas, experiências e memórias mais confortáveis, pois dessa forma existe maior possibilidade de compreensão da narrativa e instiga a sistematização das informações.

Cruz da Menina: processos de luta e reafirmação étnica quilombola em Dona Inês/Paraíba

O quilombo Cruz da Menina foi certificado pela Fundação Cultural Palmares – FCP em 2008^{XII}, contudo, sua reivindicação pelos direitos constitucionais de identificação e demarcação territorial permanecem até a atualidade. O processo de certificação de uma comunidade como

IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: O PAPEL DO TERRITÓRIO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA CRUZ DA MENINA EM DONA INÊS/PB

NOVAIS, N. J.
SILVA, L. M. F.

remanescente de quilombo é o passo inicial de luta política pelos direitos ao território, saúde e educação, sendo a porta de entrada das políticas públicas para estas comunidades. Além disso, é pelo reconhecimento que o processo histórico de marginalização e exclusão é evocado, do qual o Estado reconhece seu papel de reparação e desenvolve ações de promoção para uma sociedade mais justa. Na comunidade, esse processo se evidenciou pela territorialização, que gerou o sentimento de pertencimento na comunidade, do qual as famílias construíram suas casas, criaram códigos, delimitaram fronteiras étnicas, etc., frutos da territorialidade.

Passada geracionalmente entre os moradores, a história do quilombo Cruz da Menina perpassa diferentes versões sobre sua formação em 1877. Vale destacar que sua nomeação ocorreu em 1956, pois antes denominava-se “Tapuio”. A mudança foi resultado das tensões e conflitos que ocorriam entre os sítios Tapuio^{xiii}. Atualmente, tem o Bairro Tapuio, na zona urbana, e a Comunidade Cruz da Menina, na zona rural.

O nome da comunidade foi alterado em homenagem à menina que faleceu naquela região no período da Grande Seca do Nordeste, entre 1877 e 1879, em um período de escassez e de fome, que tinha como intuito chegar em Santa Fé de Arara^{xiv}, em busca da Casa da Caridade Padre Mestre Ibiapina^{xv}. A colaboradora, Sra. *Abayomi*, narra que, de acordo com os anciões, a menina passou pela região com sua família por volta de 1800 com destino ao agreste. Devido ao longo trajeto, ao chegarem nas terras em que hoje é a comunidade, a família se deparou com uma grande fazenda da região, do qual a menina de aproximadamente 8 anos pediu comida e água. Nessa fazenda, o Major João, negou o pedido da menina, que faleceu poucos minutos depois. Os anciões relatam também que, naquele local, surgiu uma vertente água e por isso foi difundida a ideia de que ali “aconteceria milagres”, sendo colocado um cruzeiro que, sucessivamente, viraria a capela^{xvi}.

A homenagem à menina está ligada ao território, mas também está intrinsecamente relacionada ao fator comum de negação, de rejeição que a menina sofreu, fator que trouxe um olhar de empatia e reconhecimento na história. Esta discriminação e distanciamento é um aspecto importante para se pensar o processo de afirmação étnica e reafirmação identitária de comunidades quilombolas, pois evidencia as mudanças, subjetividades e divergências desenvolvidas internamente, no coletivo, ou externamente, pela sociedade^{xvii}.

A discriminação é entendida, nesse processo, como ato relacionado ao poder, ou melhor, aos indivíduos que detém poder. Nesse entendimento, compreendemos o modo como ele é instrumentalizado pelo uso da força ou pelos privilégios dados^{xviii}, sendo a discriminação e o racismo aspectos relevantes para a construção, reivindicação e reafirmação étnica, compreendendo a identidade deve maneira dinâmica.

Diante do processo de territorialização e territorialidade do quilombo Cruz da Menina e da importância do território para construção da reafirmação étnica, viu-se a necessidade de se problematizar os conceitos e a sua aplicabilidade. Para Raffestin (1993), território é um produto conceitual obtido com a apropriação do espaço, sendo o território um construto social, dinâmico, que se transforma a partir das redes, fluxos e circuitos sociais, considerando as relações de poder e dominação. Territorialização, para Raffestin (1993), é resultado das relações construídas no “espaço”, ao tornar-se território. O espaço é a “prisão original”, dada pela natureza, enquanto o território é a “prisão que o homem constrói para si”, cuja formação compõem aspectos espaciais, naturais e sociais fundamentais para (re)produção da identidade étnico-sócio-cultural^{xix}.

Em um sentido parecido, Haesbaert (2004) conceitua território em um duplo sentido, material e simbólico, sendo aqui utilizado a ideia de um “espaço” apropriado, identificado e

IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: O PAPEL DO TERRITÓRIO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA CRUZ DA MENINA EM DONA INÊS/PB

NOVAIS, N. J.
SILVA, L. M. F.

habitado. Território, portanto, está ligado ao poder de dominação, em um sentido material, e de apropriação, no sentido simbólico. O território está inserido em meio às relações de poder, dominação a apropriação socioespacial, que é resultado do processo de territorialização e reverbera na territorialidade. A territorialidade adquire uma dimensão política, econômica e sociocultural, pois é resultado das relações entre os indivíduos e da forma como eles estruturam o espaço, desenvolvem código e dão sentido ao território^{XX}.

Em Cruz da Menina, o território pode ser compreendido através dos conceitos desenvolvidos por Raffestin (1993), que descreve o “espaço” e o “território” a partir da chegada das famílias e o modo como a territorialização é construída entre os sujeitos, afinal, o território é constituído a partir do espaço que foi territorializado e do sentimento de pertença criado^{XXI}. Isso ocorre pois, nesse espaço, as famílias construíram suas casas, iniciaram seus plantios, cuidavam de alguns animais, etc., trabalhando naquela região, nas plantações de algodão e na pedreira^{XXII}.

Dessa forma, os conceitos desenvolvidos pelos geógrafos podem ser apropriados pelas ciências sociais para se pensar as vivências e concepções sobre o território a partir das territorialidades produzidas pelo quilombo^{XXIII}. Este território também agrega significados para os indivíduos e os papéis sociais que assumem naquele espaço, do qual as fronteiras são delimitadas e mediam as relações de poder, que resulta no posicionamento dos indivíduos naquele ambiente, sujeitos aos contextos históricos, políticos, sociais e econômicos^{XXIV}. Podemos visualizar esse processo na comunidade quilombola Cruz da Menina através de diferentes aspectos, como por exemplo, na maneira como os indivíduos formaram laços de pertencimento uns com os outros, famílias com famílias, resultando no sentimento de comunidade e, por conseguinte, na diferenciação deles em relação aos demais moradores do município. O distanciamento criado pelo município com a chegada dessas famílias (considerada como uma exclusão por eles), foi dada pela negritude, mesmo com a existência de pessoas que ainda hoje se declaram como caboclas ou pardas^{XXV}.

A partir desse sentimento de compartilhamento de uma história em comum as famílias construíram suas moradas, desenvolveram códigos e valores coletivos, delimitaram suas fronteiras étnicas e os modos de organização social, sobretudo, a forma como se relacionam uns com os outros, mesmo antes do reconhecimento de uma identidade étnica^{XXVI}. Portanto, analisar a territorialização é analisar o campo político, pois perpassa a própria formação de identidade, seja ela individual ou coletiva, e a maneira como estas são restabelecidas por meio do território, das representações culturais, do pertencimento, ou seja, da própria territorialidade e identidade^{XXVII}.

Além disso, muitas famílias pertencentes à comunidade trabalhavam nas terras em que hoje localiza-se o assentamento Tanques, na divisa entre os municípios de Dona Inês e Riachão. Antes de ser assentada, essas terras pertenciam a uma grande fazenda que contratava muitos trabalhadores para as diferentes funções, do qual o pagamento era dado através de terra para plantio no período das safras e, mais importante, era valorizada a rotatividade, pois os arrendatários poderiam ficar no máximo dois anos naquela terra. Nesse trabalho de subsistência, os trabalhadores juntavam o máximo de dinheiro que conseguiam para arrematar pequenos pedaços de terra perto da fazenda e, desta forma, pouco a pouco as famílias foram formando o que hoje é a comunidade. Após a morte do dono da fazenda, em 1997, as terras foram colocadas à venda, o que gerou conflitos na região após demissão de todos os trabalhadores. Os agricultores se uniram e articularam uma aliança para adquirir as terras, solicitando ao Instituto

IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: O PAPEL DO TERRITÓRIO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA CRUZ DA MENINA EM DONA INÊS/PB

NOVAIS, N. J.
SILVA, L. M. F.

Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) que averiguasse levando em consideração a reforma agrária.

O contraditório é que após assentada as terras do Tanques, poucas famílias da comunidade se mudaram. Segundo os depoimentos dos moradores(as), os trabalhadores(as) não foram informados sobre nada referente ao processo e nem da sua apropriação. Além disso, muitos moradores(as) relataram também o medo de se mudarem e, posteriormente, serem expulsos da terra e perderem seus pequenos terrenos. Como resultado, existe apenas uma família quilombola residindo no assentamento, conforme os depoimentos de Sra. Abayomi^{xxviii} e Sra. Fayola^{xxviii}.

A comunidade está localizada, portanto, nas terras que foram arrematadas por esses trabalhadores ao longo dos anos, abrigando todos os seus familiares e, ainda hoje, as famílias moram perto uma das outras, que eles se referem como terras de “co-herdeiros”, em que as famílias moram próximas umas às outras e, em muitos casos, as moram nas mesmas acas ou casas agregadas^{xxx}.

O local pertence a paróquia, sendo as casas herdadas pelos avôs e, hoje, habitada pelos filhos, netos e bisnetos^{xxxi}, cujos plantios são coletivos entre as famílias^{xxxii e xxxiii}. Além disso, as famílias da comunidade lutam pela demarcação de seu território no intuito de conquistar melhores qualidades de vida, fortalecer o sentimento de pertença e expandir seus plantios comunitários, de agricultura de subsistência, para alimento próprio^{xxxiv}.

Como é possível visualizar, os moradores da comunidade foram expostos a diferentes formas de exclusão e silenciamento naquele território. O caso do assentamento Tanques apresenta um conflito indireto pela terra^{xxxv}, contudo, existem outras tensões naquela região comandadas por políticos e fazendeiros que utilizam de suas relações de poder para controlar a comunidade:

Entre 1997 e 1999, a gente se reuniu para votar no mesmo partido, poucos votaram no A e o resto foi no B. Quando essa coronel soube dessa liderança política toda no outro partido, que não ia votar no partido dele, um proibiu a lenha e o outro proibiu a água. Foi remoendo e chegou a outra eleição, e todo mundo firme no partido B. Aí eles vieram e estouraram os barreiros e a gente ficou sem água. Sorte é que como a gente, a maioria da comunidade, apoiou o prefeito, ele não deixou faltar água para a gente. Nesse tempo o prefeito do partido B sustentou a comunidade com água, toda semana chegava um carro pipa. Ele lutou e trouxe a rede d'água. Tanto que temos a rede, não temos água (...). Quando estouraram os barreiros aqui disseram: “pronto, agora toma banho aí, bocado de porco”, “bebe água agora”. Quer dizer, não foi uma humilhação? Foi um jogo político, uma chantagem (...), uma parte estava com B, mas tinha a parte que estava com o A. Eles não pensaram nem dos deles. Foi um desespero aqui por água. Porque esses açudes eram tão bons que até o pessoal aqui do morro vinha buscar água aqui, até o pessoal da cidade^{xxxvi}.

Essa situação social, conhecida como a “quebra da barragem”^{xxxvii}, apresenta a maneira como aqueles indivíduos eram tratados dentro do município, as desigualdades em que estavam expostos e o racismo que mantinha as desigualdades nas estruturas da organização social, política e econômica. Além disso, é visível a maneira como agentes externos possuem controle naquele território, em que hoje reconhece-se como quilombo. As estruturas de poder controlam e mantém a comunidade em espaços de difícil acesso aos recursos básicos, silenciando o processo de chegada dessas famílias que buscavam trabalhos durante o período da seca. Outro ponto é a maneira como é realizada a manutenção dessas famílias naquele território, ao qual é visualizado as exclusões, discriminações e ausência de oportunidades para

IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: O PAPEL DO TERRITÓRIO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA CRUZ DA MENINA EM DONA INÊS/PB

NOVAIS, N. J.
SILVA, L. M. F.

mobilidade, como o assentamento, pois o racismo institucional gera exclusão e mantém os indivíduos sob “controle” das estruturas de poder^{xxxviii} (ALMEIDA, 2020).

Durante o processo de reconhecimento, a comunidade dá um novo significado para toda essa exclusão, do qual a territorialização e a etnicidade são entendidos como processo de reorganização da vida social, com base nos quatro fenômenos apresentados por Pacheco de Oliveira (1998). Nesse sentido, é possível perceber a maneira como o quilombo desenvolveu seu sentimento de pertencimento e de união através do convívio ofertado pela territorialização, em que o enfrentamento dos estigmas e preconceitos pelos demais moradores da cidade, da exclusão das pautas políticas e, sobretudo, pela manutenção e controle externo do território ao qual eles residem, impedindo a mobilidade para áreas de melhor acesso aos recursos básicos.

O processo de territorialização é formado pelo desenvolvimento de uma unidade sociocultural que reforça a identidade e o sentimento de pertença de um determinado grupo, com a criação de mecanismos/instrumentos políticos que ajudam na luta e por formas de controle que observam o meio-ambiente, além da significação da própria cultura, entrelaçando o passado com o presente^{xxxix}.

Identidade étnica e sua formação em Cruz da Menina

O modo como a comunidade se relaciona internamente e externamente é importante para analisarmos o processo de identidade étnica, pois é nesse entrelace que as identidades são construídas e reconstruídas. A identidade é uma organização política que é apresentada ou invisibilizada a depender do contexto sociohistórico vivenciado^{xxxx}. Em Cruz da Menina podemos observar isso pela forma como se organizaram e lutaram pelo seu reconhecimento, a maneira como assumiram sua negritude como um fato político, sendo reconhecidos pela Fundação Cultural Palmares – FCP em 2008, além de darem um novo significado para sua cultura, fortalecendo seus valores, elos e estratégias de resistência. É essa a posição dos estudos sobre negritude, o uso político – valorativo, como comentado anteriormente. Da primeira vez que você aponta leva a entender que a negritude é algo negativo.

Por isso, etnicidade é visto como aspecto que compõem a trajetória, histórica e temporal, e pela origem, que desenvolve experiências individuais e coletivas^{xxxxi}. As identidades individuais e coletivas são construídas através do olhar do outro, mas também do nosso próprio olhar sobre “nós” mesmos, que legitima essa construção étnica. Como bem afirma Lucena (2015), a identidade é construída pelas “relações que os membros de certos grupos articulam com outros, considerados como diferentes” (p. 329), do qual Nogueira (2020) também afirma que “renegar o outro é, de certa forma, afirmar a própria identidade a partir dessa negação” (p. 43).

Quando observamos a comunidade e seu processo de autoafirmação, que iniciou em 2003, é notável o fortalecimento do movimento interno da cultura e de acionamento da identidade, sendo reconhecidos pela Fundação Cultural Palmares cinco anos depois, em 2008. Nessa movimentação, os indivíduos passaram a refletir sobre si mesmos e seu processo de “ser” e “estar” no mundo, desde a vinda de seus antepassados até os dias atuais, ao qual estavam sujeitos às discriminações e o silenciamento da cidade. reconhecimento da negritude, dos casamentos endogâmicos, costumes e valores internos e, sobretudo, o sentimento de pertença que construíram juntos foi essencial para enfrentarem o racismo estabelecido na cidade. É a partir desse enfrentamento que eles começaram a se inserir em diferentes esferas de luta a fim de garantir seus direitos e seu território.

IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: O PAPEL DO TERRITÓRIO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA CRUZ DA MENINA EM DONA INÊS/PB

NOVAIS, N. J.
SILVA, L. M. F.

Mesmo com todo esse processo, ainda existem pessoas que não se declaram como quilombolas e/ou não se autodeclaram como negros(as)/pardos(as), tendo também casos de pessoas que só acionam a identidade quando é benéfica para ela. Esses acionamentos tardios geram tensões entre os(as) moradores(as), mas é possível entender esse fenômeno quando notamos que a identidade não é homogênea, não possui modelo e, sobretudo, que o processo de reafirmação é único para cada indivíduo, perpassando suas subjetividades e relações sociais, como bem afirma Lucena (2015).

A identidade étnica na comunidade é construída também pelas relações religiosas e educacionais. Na religião, notamos a forte influência das igrejas católica e da evangélica, tendo uma população bem dividida entre as duas. No que diz respeito à própria Capela, a igreja católica assume as peregrinações e ritos na comunidade com o viés de “turismo religioso” que atrai muitos devotos durante o dia de “todos os santos”. A capela foi construída em homenagem à menina que faleceu na comunidade e é vista como fonte de milagres devido à crença de que, após a morte dela, naquele local, havia surgido uma vertente de água. Antes da capela, aquele espaço era marcado com um cruzeiro. Outro ponto interessante é que as religiões de matrizes africanas não são citadas pelos(as) moradores(as) da comunidade ou, quando escutamos algo relacionado a isso, é sempre em tempo passado e trazendo os(as) anciões(ãs), que não assumem essa fé. Esse apagamento das religiões afro-brasileiras pode ser pensado a partir do processo de escolarização da comunidade.

A religião e a escolarização foram aspectos importantes para manutenção das desigualdades e das estruturas de poder, sendo incentivado a descrença e demonização dos “orixás” para controle da fé e, principalmente, para homogeneização das comunidades negras^{XXXXII}. Além disso, muitos colaboradores(as) ressaltaram que desistiram dos estudos e/ou se afastaram devido às discriminações sofridas naquela instituição pelos colegas e professores. Por isso, a luta por uma escola na comunidade foi tão grande, sendo hoje uma das maiores conquistas dos quilombolas de Cruz da Menina. É nessa escola, em território quilombola, que as crianças aprendem sobre a negritude, cultura e o movimento negro. Com esse fortalecimento interno, temos a capoeira, o Maculelê e o afoxé em evidência nos eventos da comunidade, com formação de grupos culturais como o Oxumaré^{XXXXIII} e o grupo de percussão. Apenas uma sugestão, não que a escolarização é ruim, mas que a educação recebida contribuiu para o afastamento da religiosidade de matriz africana, tendo em vista que ela foi pautada em um modelo eurocentrico que reforçava a religião católica como correta e tudo mais... compreendo, mas a frase inicial é como se fosse crítica ao ensino, mas você quer dizer ao modelo de ensino desenvolvido.

Portanto, devemos pensar na territorialização como fato político e notar a formação da identidade individual e coletiva, suas remodelações e significados, a partir do território e do desenvolvimento de instâncias/representações culturais, de pertencimento e da própria territorialidade vivida^{XXXXIV}. Quando observamos o parentesco, a educação, saúde e cultura juntamente com o território e a territorialização, é possível notar o papel dos atores sociais e o ambiente ao qual estão localizados, seja pelo deslocamento territorial, pelos casamentos endogâmicos ou pela quebra da barragem, todos os aspectos apresentam a construção da comunidade e seu reconhecimento como quilombo.

IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: O PAPEL DO TERRITÓRIO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA CRUZ DA MENINA EM DONA INÊS/PB

NOVAIS, N. J.
SILVA, L. M. F.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo discutir o processo de construção de identidade étnica quilombola na Comunidade de Cruz da Menina, em Dona Inês/PB, do qual o território ganha destaque por apresentar a organização social, a origem da comunidade e suas relações de pertencimento. Os moradores participaram da pesquisa compartilharam suas narrativas de vida e de construção identitária, mostrando a trajetória de sua própria percepção sobre “ser quilombola”.

Durante os depoimentos, foi perceptível a maneira como a identidade era assimilada junto ao conceito de território, que posteriormente seria pensada juntamente com os de territorialização e territorialidade. Por meio desses conceitos foi possível analisarmos a mobilidade, estabilidade e manutenção daquele espaço em que se localiza a comunidade quilombola. O enfrentamento ao racismo e as estruturas de desigualdades também foram apresentados, inclusive, na maneira como eles contribuem para formação da resistência e reafirmação étnica na comunidade. A territorialização de Cruz da Menina evidencia o racismo estrutural, institucional e epistêmico desde a cegada dos primeiros moradores, do qual à exclusão por parte dos demais habitantes. Quando estes começam a se relacionar, construir seus laços e compartilhar suas histórias, cria-se um vínculo (juntamente com os casamentos endogâmicos), que reforçam o coletivo.

Por fim, as tensões existentes no reconhecimento e afirmação étnica da comunidade compõem a dinamicidade do próprio processo de construção contínua, do qual possui diferentes elementos e abrange um caráter situacional e instrumental, cujos indivíduos são vistos a partir de situações específicas e intersetoriais. As divergências são consideradas pois compõem a história de indivíduos que fazem parte da comunidade. A identidade é acionada na busca pelos direitos e estruturam também a vida coletiva, pois as identidades são dinâmicas e se moldam através das relações individuais e coletivas.

Notas

^I Bacharel em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba.

^{II} Doutora em Sociologia; Professora Associada. do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba.

^{III} (NOVAIS, 2023).

^{IV} (PACHECO DE OLIVEIRA, 1998; LUCENA, 2015).

^V (NOVAIS, 2023).

^{VI} (RAFFESTIN, 1993).

^{VII} (HAESBAERT, 2004).

^{VIII} (BARTH, 2000; LUCENA, 2015).

^{IX} (NOVAIS, 2023).

^X (ALMEIDA, 2020).

^{XI} (MARCUS, 2001).

^{XII} (GASKELL, 2002).

^{XIII} (BRASIL, 2020).

^{XIV} (Akin, entrevista em novembro de 2021).

^{XV} (MEMORIAL SANTUÁRIO CRUZ DA MENINA, versão resumida, 2021).

^{XVI} (Abayomi, entrevista em abril de 2021).

^{XVII} (PACHECO DE OLIVEIRA, 1998; POLLAK, 1992; LUCENA, 2015).

^{XVIII} (ALMEIDA, 2020)

^{XIX} (RAFFESTIN, 1993)

IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: O PAPEL DO TERRITÓRIO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA CRUZ DA MENINA EM DONA INÊS/PB

NOVAIS, N. J.
SILVA, L. M. F.

- ^{xx} (HAESBAERT, 2004).
- ^{xxi} (SILVA, 2018; NOVAIS, 2023)
- ^{xxii} (SILVA, 2018).
- ^{xxiii} (RAFFESTIN, 1993; HAESBAERT, 2004).
- ^{xxiv} (Dolapo, entrevista em julho de 2022).
- ^{xxv} José Antônio Pereira Ibiapina - Padre Ibiapina: conhecido como “Apóstolo do Nordeste” por suas obras de caridade, peregrinou pelos Estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí e Paraíba. Realizou missões religiosas e fundou dezenas de casas de caridades, sendo reconhecido por toda região. Aos 67 anos, Padre Ibiapina sofre uma congestão cerebral que, em 1875, aos 69 anos, desencadeia em uma paralisia. Mesmo com agravamento de seu caso, o padre permaneceu com seus aconselhamentos e atos de caridades na Casa de Caridade de Santa Fé de Arara, que era o berço de sua vida religiosa.
- ^{xxvi} (BARTH, 2000; NOVAIS, 2023).
- ^{xxvii} (PACHECO DE OLIVEIRA, 1998; SILVA, 2022; NOVAIS, 2023).
- ^{xxviii} (Abayomi, entrevista em abril de 2021).
- ^{xxix} (Fayola, entrevista em abril de 2021).
- ^{xxx} (Abayomi, entrevista em abril de 2021).
- ^{xxxi} (Dolapo, entrevista em julho de 2022).
- ^{xxxii} (Fayola, entrevista em abril de 2021).
- ^{xxxiii} (Abayomi, entrevista em abril de 2021).
- ^{xxxiv} (Dolapo, entrevista em julho de 2022).
- ^{xxxv} (Fayola, entrevista em abril de 2021).
- ^{xxxvi} (Fayola, entrevista em abril de 2021).
- ^{xxxvii} Utilizo esse conceito, de Gluckman (1974), por acreditar que ela é capaz de nos fazer compreender a estrutura social de uma comunidade através de eventos que englobam todos os sujeitos, seus sistemas sociais e sistemas de relações.
- ^{xxxviii} (ALMEIDA, 2020).
- ^{xxxix} (PACHECO DE OLIVEIRA, 1998).
- ^{xxxx} (BARTH, 2000; POLLAK, 1992).
- ^{xxxxi} (PACHECO DE OLIVEIRA, 1998).
- ^{xxxxii} (NOVAIS, 2023).
- ^{xxxxiii} Na cultura africana, Oxumarê é a divindade do arco-íris; orixá de todos os movimentos, transformações; de todos os ciclos. O grupo é composto apenas por meninas e mulheres, criado no intuito de promover e fortalecer as raízes afro-brasileiras.
- ^{xxxxiv} (PACHECO DE OLIVEIRA, 1998).

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. 255 p.
- BARTH, Frederick. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda., 2000.
- BRASIL. Fundação Cultural Palmares. Certificação quilombola, 2020. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551 acesso em: 10 jul. 2020.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-

IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: O PAPEL DO TERRITÓRIO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA CRUZ DA MENINA EM DONA INÊS/PB

NOVAIS, N. J.
SILVA, L. M. F.

BIANCO (org.). Antropologia das sociedades contemporâneas. São Paulo: Global, 1974.

HAESBAERT, Rogério. Definindo território para entender a desterritorialização, In: _: O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LUCENA, Francisco Carlos de. Capítulo XI – Sentidos da identidade entre militantes negros de Mossoró (RN). In: VALLE, Carlos Guilherme do. Etnicidade e mediação. Annablume Editora, São Paulo, 2015.

MARCUS, George. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. Alteridades, vol. 11, nº 22, 2001, p. 111-127.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. **Uma etnologia dos índios misturados?** Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais. Mana, abr. 1998.

PARAÍBA. Secretaria de estado da mulher e da diversidade humana do Governo da Paraíba. Relatório: I Seminário Estadual de Políticas Pública para Comunidades Quilombolas do Estado da Paraíba. Governo da Paraíba, João Pessoa, dezembro de 2011.

POLLAK, Michael. **“Memória e Identidade Social”**. Conferência transcrita e traduzida por Monique Augras; edição de Dora Rocha. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SILVA, Maria José da; MARQUES, Amanda Christianne Nascimento. **Territorialidade e memória na comunidade quilombola Cruz da Menina, Dona Inês-PB**. In: XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS – pensar e fazer geografia brasileira no século XXI, (anais eletrônicos), João Pessoa, 2018.

Agradecimentos

Gratidão a Comunidade Quilombola Cruz da Menina pela receptividade a pesquisa. Desejo sempre estar aqui para tudo e para todos(as), em defesa aos direitos quilombolas. Em especial, agradeço a Associação que fez a articulação entre os(as) moradores(as) e eu, nos aproximando na maior parte deste percurso em campo.